

Volcker vê sinais de progresso na nossa economia

O diretor da Reserva Federal dos Estados Unidos, entretanto, diz que o nosso programa econômico está "numa etapa crítica" e depende de ajustes internos.

A política de ajuste da economia brasileira às condições do FMI já mostra "alguns sinais de progresso, especialmente em termos de superávit crescente em seu comércio exterior". Essa afirmação foi feita ontem pelo diretor da Reserva Federal dos EUA, Paul Volcker (foto), para quem o programa econômico do Brasil encontra-se "numa etapa crítica" e seu sucesso depende da continuação dos ajustes internos e da cooperação dos bancos comerciais.

Volcker, que está em Honolulu, participando de uma convenção de banqueiros norte-americanos, lembrou que "já se elaborou um programa financeiro complementar, que precisa agora o rápido endosso de centenas de bancos co-

merciais e dos respectivos governos". Ele acrescentou ainda que, "a exemplo do que ocorre em outros casos, aqui está envolvida a questão de novos créditos, embora os montantes que os bancos comerciais foram solicitados a fornecer durante 1983 e 1984, como um todo, sejam apenas a metade da taxa de aumento dos empréstimos nos anos anteriores".

Em seu discurso aos banqueiros dos EUA, Volcker disse que os ajustes econômicos e o finan-



mento do programa "serão dependentes entre si". Ele lembrou que "os dois aspectos encontram-se agora numa fase crítica. A exemplo de outros casos, trata-se de uma combinação de ajustes efetivos e de apoio financeiro adequado, compartilhados equanimemente entre os credores, que se prontificam a fornecer os melhores meios disponíveis para garantir a credibilidade do tomador e proteger os interesses dos credores".

Esse tipo de relação entre credores e devedores, entretanto, foi duramente criticada ontem pelo Grupo dos 77 — como é chamada a bancada dos 126 países do Terceiro Mundo nas Nações Unidas. Após sua conferência ministerial, em declaração oficial, o Grupo afirmou que "é lamentável que algumas nações desenvolvidas estejam aplicando, cada vez com maior frequência medidas coercitivas e restritivas como forma de pressionar politicamente certos países em desenvolvimento".

Os ministros do Grupo ressaltaram, "com grande preocupação", que a economia mundial está sofrendo a mais profunda e perigosa crise desde 1930, e que os efeitos negativos do problema, iniciados

nos países industrializados, têm prejudicado mais as nações em desenvolvimento.

O Grupo dos 77 afirma que é preciso dar "importância máxima" aos países em desenvolvimento na rodada de negociações globais que visam à obtenção de uma nova ordem econômica internacional. Os representantes do Terceiro Mundo pediram também que as nações industrializadas "evitem impostos, restrições comerciais, bloqueios, embargos ou qualquer outra sanção contra as nações em desenvolvimento, como forma de coerção política que afete seu desenvolvimento econômico, político e social". O Grupo dos 77 propôs também uma ampla reforma do sistema monetário internacional.